



A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

**Correspondência ao Autor**

Nome: Gisele Francisca da Silva Carvalho

E-mail: gisele.carvalho@ifsudestemg.edu.br

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas, Brasil

Submetido: 13/12/2019

Aprovado: 12/04/2020

Publicado: 03/05/2021

[doi](https://doi.org/10.20396/rho.v21i00.8657773) 10.20396/rho.v21i00.8657773

e-Location: e021014

ISSN: 1676-2584

**Como citar ABNT (NBR 6023):**

CARVALHO, G. F. da S.; COSTA, D. A. de M.; MAGALHÃES, M. T.

D. A intensificação do trabalho docente no contexto da

contrarreforma educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 21, p. 1-14, abr. 2021. DOI:

10.20396/rho.v21i00.8657773.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8657773>. Acesso em: 3 maio 2021.

Distribuído Sobre



Checagem Antiplágio



## A INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO DA CONTRARREFORMA EDUCACIONAL



Lattes

**Gisele Francisca da Silva Carvalho\***

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas



Lattes

**Daniela Aparecida de Melo Costa\*\***

Sem afiliação



Lattes

**Mônica Trindade Dias Magalhães\*\*\***

Sem afiliação

### RESUMO

Este trabalho destinou-se a investigar os desdobramentos que a contrarreforma educacional brasileira tem produzido na configuração do trabalho docente na Educação Básica. A análise baseou-se em resultados de pesquisas sobre o tema e de dados sobre as rotinas de trabalho de professoras de Língua Portuguesa, à luz da noção de capitalismo flexível, discutida por Sennett (2009). Como procedimentos metodológicos, foram catalogados e analisados os resultados de pesquisas apresentados no X Seminário Internacional da Rede Estrado, cujo tema foi Direito à educação, políticas educativas e trabalho docente na América Latina: experiências e propostas em disputa, ocorrido em 2014, no Brasil. Tais resultados abarcaram, no contexto da contrarreforma educacional brasileira, as especificidades sobre o trabalho docente, reforçando a crítica ao gerencialismo na educação. Ademais, foram aplicados questionários para professoras de Língua Portuguesa de um determinado município mineiro, a fim de identificarmos as rotinas de trabalho dessas profissionais. Como resultados, foram reunidas problematizações sobre as especificidades do trabalho dos professores e o processo de intensificação ao qual estão submetidos. Os dados indicaram que a média geral de horas semanais trabalhadas pelas professoras entrevistadas foi superior às horas contratadas, havendo, assim, indícios de intensificação e consequente subtração do tempo destinado a outras atividades pessoais, conforme Sennett (2009), para a realização de diversas atividades profissionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contrarreforma educacional. Trabalho flexível. Intensificação do trabalho docente.

## THE INTENSIFICATION OF TEACHING STAFF WORK IN THE CONTEXT OF EDUCATIONAL COUNTER REFORMATION

### Abstract

This article aims at investigating the unfolding results that the Brazilian educational Counter Reformation has had in the layout of the Basic education teaching staff work. The analysis was based on results of researches about the issue and on data about the working routine of female teachers of Portuguese, taking the flexible capitalism discussed by Sennett (2009) into account. The results of researches presented in the 10<sup>th</sup> International Seminar of Estrado Chain which happened in 2014 in Brazil whose theme was: The right to education, educational politics and the teaching staff work in Latin America – experiences and proposals were catalogued and analyzed as methodological procedures. Such results have embraced the specificities about the teaching work staff reinforcing the criticism towards the managerialism in education in the context of the Brazilian educational Counter Reformation context. In addition, questionnaires were completed by female teachers of Portuguese from a specific country in Minas Gerais state aiming at identifying their working routines. As a result, problems about the specificities of teachers work and the process of intensification to which they have been subordinated were gathered. The data shows that the average weekly working hours of interviewed teachers were more than the hired ones what leads to intensification indicators and consequently less time to be devoted to other personal activities in order to perform the wide range of professional activities, according to Sennett (2009).

**Keywords:** Counter reformation. Flexible work. Intensification of teaching work.

## LA INTENSIFICACIÓN DEL TRABAJO DOCENTE EN EL CONTEXTO DE LA CONTRARREFORMA EDUCACIONAL

### Resumen

Este trabajo se ha destinado a investigar los desdoblamientos que la contrarreforma educacional brasilera ha producido en la configuración del trabajo docente en la Educación Básica. El análisis se ha basado en resultados de investigaciones sobre el tema y datos sobre las rutinas de trabajo de profesoras de Lengua Portuguesa, a la luz de la noción de capitalismo flexible, discutido por Sennett (2009). Como procedimientos metodológicos, han sido catalogados y analizados los resultados de investigaciones presentados en el X Seminario Internacional de Rede Estrado, con el tema Directo a la educación, políticas educacionales y trabajo docente en América Latina: experiencias y propuestas en disputa, ocurrido el 2014, en Brasil. Tales resultados presentaron en el contexto de la contrarreforma educacional brasileña las especificidades sobre el trabajo docente, reforzando la crítica al gerencialismo en la educación. Además, han sido aplicados cuestionarios a profesoras de Lengua Portuguesa de un determinado municipio minero, a fin de identificar las rutinas de trabajo de esas profesionales. Como resultado, han sido reunidas problematizaciones sobre las especificidades del trabajo de los profesores y el proceso de intensificación al cual están sometidos. Los datos han indicado que la media general de horas semanales trabajadas por las profesoras entrevistadas ha sido superior a las horas contratadas, habiendo, así, indicios de intensificación y consecuente disminución del tiempo destinado a otras actividades personales, conforme Sennett (2009), para la realización de diversas actividades profesionales.

**Palabras-clave:** Contrarreforma educacional. Trabajo flexible. Intensificación del trabajo docente.

## INTRODUÇÃO

No Brasil, o ciclo de contrarreformas educacionais foi iniciado na década de 1990, sendo marcado pela descentralização de processos e regulação dos resultados de aprendizagem dos alunos pelo Estado. Esclarecemos que, embora seja comum nos depararmos com o termo **reforma** em textos sobre modificações em políticas públicas, optamos pela formulação de Behring (2008) que utiliza o conceito de contrarreforma. Para a autora, a reforma expressa o processo histórico de conquista de direitos sociais e a contrarreforma é a expressão da perda de direitos sociais. Ou seja, mesmo que sujeito a críticas, o reformismo, “[...] é um patrimônio da esquerda [...]” (BEHRING, 2008, p. 23), pois é uma nomenclatura que ganhou sentido em meio às discussões promovidas pelo movimento operário socialista europeu, referindo-se ao processo de ampliação de direitos para a classe trabalhadora ao longo da história.

Nesse sentido, este artigo é fruto de dois anos de pesquisas que se propuseram a investigar os possíveis desdobramentos que a contrarreforma educacional brasileira tem trazido para o trabalho docente. A hipótese norteadora da pesquisa é que os rumos tomados pela contrarreforma educacional no Brasil têm modificado a configuração do trabalho docente devido às modificações do mundo do trabalho em geral que, por sua vez, promovem o processo de intensificação do trabalho desses profissionais.

Assim, a contrarreforma educacional está diretamente ligada à política neoliberal e às organizações internacionais e ocorre também em outros países, em diferentes níveis e combinações, não sendo exclusividade do contexto brasileiro. Portanto, buscamos dados empíricos que trouxessem indícios de como essas mudanças políticas têm transformado o cotidiano escolar, aqui representado por sete professoras de Língua Portuguesa de uma determinada rede municipal<sup>1</sup>.

A contrarreforma educacional tem o objetivo de obter o controle da sala de aula – vigilância externa via controle gerencial, curricular e avaliativo. Nesse contexto, os professores são considerados em geral, “[...] os principais responsáveis pelo desempenho dos alunos, da escola e do sistema.” (OLIVEIRA, 2005, p. 768-769). Além disso, tais condições vêm provocando um sentimento de desprofissionalização,

[...] um processo de desqualificação e desvalorização sofrido pelos professores que tem provocado mudanças significativas em sua identidade. As reformas em curso tendem a retirar desses profissionais a autonomia, entendida como condição de participar da concepção e da organização de seu trabalho. (OLIVEIRA, 2005, p. 769).

A partir dessas considerações e buscando compreender as múltiplas determinações que envolvem essa reconfiguração do trabalho e do trabalhador docente, organizamos este artigo em três partes. A primeira discute a noção de capitalismo flexível no livro **A corrosão do caráter**, de Richard Sennett (2009), apresentando as suas principais características, com

o objetivo de compreender como as relações de trabalho na contemporaneidade trazem efeitos para a subjetividade dos sujeitos.

A segunda parte apresenta e analisa os resultados de comunicações publicadas nos anais do X Seminário Internacional da Rede Latino-Americana de Estudos sobre o Trabalho Docente - Rede Estrado - 2014. Eles abarcam, no contexto da contrarreforma educacional brasileira, indícios de transformações no tocante à dinâmica do trabalho docente.

A terceira e última parte do artigo se ocupou da problematização e análise das rotinas de trabalho de um grupo de professoras de Língua Portuguesa de um determinado município mineiro. Buscamos identificar aspectos mais particulares a respeito do fenômeno da intensificação do trabalho docente, explicitado nos trabalhos da Rede Estrado.

## **RELAÇÕES DE TRABALHO E SUBJETIVIDADE: TRABALHADORES À DERIVA?**

A partir da análise histórica do desenvolvimento de formas de organização da produção capitalista – fordismo e toyotismo – Sennett (2009) mostrou como esses tipos de organização tensionam e modificam as relações de trabalho e familiares dos empregados.

O fordismo é uma forma de organização da produção (e das relações de trabalho) caracterizada pelos grandes estoques e pela repetição de tarefas, sendo que cada funcionário exerce uma única função ao longo da carreira. Como consequência, não exige que o empregado conheça outras áreas de atuação no ambiente de trabalho. Esse modelo de gerenciamento da produção tem como objetivos a diminuição de custos e a produção de grande quantidade de produtos. Dessa maneira, as carreiras tendem a ser mais longas, possibilitando que o trabalhador se organize e planeje sua vida a longo prazo, conforme Sennett (2009).

De maneira diferente, o toyotismo, iniciado no Japão, na segunda metade do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, apresenta outra forma de organização: o trabalho é sob demanda, sem grandes estoques, de modo a primar pela flexibilidade da produção e, consequentemente, flexibilização de contratos e horários dos trabalhadores. Nesse modelo, é essencial que as pessoas saibam fazer, produzir e desenvolver todas as funções possíveis dentro do ambiente de trabalho, também atendendo ao objetivo de diminuir custos. Ao invés de ficar em um único lugar desempenhando uma mesma tarefa (como ocorre no fordismo), o funcionário se desloca pela empresa, produzindo de acordo com a necessidade demandada naquele momento e desenvolvendo várias funções ao mesmo tempo. Assim, a especialização dos funcionários e a flexibilidade são pontos cruciais em uma empresa desse tipo. Esse é o modelo que rege, majoritariamente, as relações de trabalho atuais, apontadas por Sennett (2009), embora existam empresas fordistas e mistas.

A partir da análise desses dois tipos de organização do trabalho, podemos afirmar que durante toda a vida, os sujeitos, pela via das relações de trabalho, passam por processos

que conduzem a sua formação pessoal e profissional, aprendendo valores morais e sociais, ressignificados na experiência e colocados em prática no cotidiano. No caso do fordismo, Sennett (2009) aponta que as pessoas se apoiam e se sustentam no sistema de carreira de longo prazo, porque há a possibilidade de planejar o que pretendem ser e ter. Todavia, a organização do trabalho no modelo toyotista ou flexível tem colaborado para a não realização desse planejamento e para a desestabilização dos sujeitos. Tal afirmação é discutida pelo autor a partir das seguintes características do capitalismo flexível: valorização do curto prazo e dos riscos, condenação da rotina, estímulo ao individualismo e à superficialidade.

Ou seja, no modelo flexível, os projetos pessoais, de amizade e profissionais são postergados devido ao chamado sistema do curto prazo, no qual tudo é muito rápido e transitório. Assim, para Sennett (2009), o princípio da flexibilidade faz corroer o caráter humano, sempre convocado a adaptar-se aos tempos e espaços, conforme o mercado, com o objetivo de alcançar as metas que lhe são dadas, diminuindo o espaço para a crítica se aquela forma de organização é de fato do interesse dos sujeitos.

O trabalhador que atende à lógica flexível é aquele sempre disposto a correr riscos e a fazer modificações em sua vida pessoal em busca do novo mercado de trabalho, inserido em um campo genuinamente incerto, ou seja,

O que é singular na incerteza hoje é que ela existe sem qualquer desastre histórico e eminente; ao contrário, está entremeada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo. [...] Talvez a corrosão de caracteres seja uma consequência inevitável. 'Não há mais longo prazo' desorienta a ação do longo prazo, afrouxa os laços de confiança e compromisso e divorcia a vontade do comportamento. (SENNETT, 2009, p. 33).

Assim, toda essa mobilidade e incerteza podem levar as pessoas à deriva ou perda de rumo, tornando-as adaptáveis e flexíveis a todo tempo. Dizendo de outra forma, a deriva facilita a adaptação às mudanças impulsionadas pelas exigências do **mercado** que, por sua vez, influenciam a vida cotidiana e a rotina do trabalhador em suas relações mais íntimas. Logo, diante do conveniente discurso neoliberal de que o caminho é sempre o de aceitar a instabilidade, o risco e flexibilidade, pode-se dizer que as pessoas são levadas a acreditar que a rotina é, necessariamente, algo ruim.

Diferentemente, no modelo fordista, a ideia das pessoas se programarem e criarem critérios para alcançar um bom emprego no mercado de trabalho era vista como algo bom uma vez que atendia aos interesses da época. Porém, isso já não é mais desejável nos tempos atuais, a partir do modelo toyotista. Nesse novo contexto, o trabalhador flexível não pode almejar uma rotina, pois ela embrutece o espírito e atrapalha a produtividade no ambiente de trabalho.

Assim sendo, a flexibilidade está ligada ao individualismo e ao pronto atendimento às demandas do trabalho, ainda que, para tanto, sejam reduzidas as horas de descanso,

abrindo espaço para o processo de intensificação. Por isso mesmo, a desregulamentação das leis trabalhistas passou a ser agenda prioritária neoliberal.

Sennett (2009) também critica o fato de a era da construção do “eu” ser mais importante do que a da construção do “nós”. Para o autor, as pessoas se adaptam às várias exigências em função de um querer e um ter próprios, com isso, o uso do tempo tornou-se nocivo, pois incute a falsa ideia de liberdade pessoal. Ou seja, toda essa transformação gera novas formas estruturais de comando e controle que, ao invés de libertar, aprisionam o trabalhador ao trabalho. Exemplo disso é a reconfiguração das relações de trabalho via redes sociais. Após o encerramento do expediente, quantas demandas chegam ao trabalhador por e-mail ou mensagens? Tais demandas não estariam invadindo o tempo destinado a outras atividades e, geralmente, de forma não remunerada?

O risco, como componente da flexibilidade, é a vida na incerteza e no limite. Ou seja, o lema difundido é: quem não corre riscos não tem chance de chegar ao sucesso. Ademais, Sennett (2009, p. 115) afirma que a ideia de flexibilidade tende a desconsiderar as experiências já vividas:

Aprensão é uma ansiedade sobre o que pode acontecer; é criada num clima que enfatiza o risco constante, e aumenta quando as experiências passadas parecem não servir de guia para o presente. Se a negação da experiência fosse simplesmente um preconceito imposto, nós de meia-idade seríamos simplesmente vítimas do culto institucional da juventude.

Assim, a ideologia difundida no sistema capitalista flexível defende a abertura à mudança contínua de vida. Ao trabalhador caber integrar uma equipe hoje, amanhã estará em outra, em outra cidade ou país, talvez, depois trabalhará por conta própria, abrindo e fechando pequenas empresas quantas vezes forem necessárias. Partindo desse contexto, o contrário, ou seja, a estabilidade, passa a ser considerada um fracasso ou como algo indesejável. Não é por acaso que a existência dos concursos públicos têm sido cada vez mais ameaçada. Ademais, “[...] se todo risco é uma viagem pelo desconhecido, o viajante em geral tem em mente um destino. [...] A moderna cultura do risco é peculiar naquilo que o não se mexer é tomado como sinal de fracasso, parecendo a estabilidade quase uma morte em vida.” (SENNETT, 2009, p. 102).

Por fim, para o autor, as relações humanas no trabalho flexível vêm se transformando em um teatro, em razão de as pessoas estarem à deriva. Isso ocorre porque no sistema de curto prazo, a dependência do outro, o trabalho em equipe e a cooperação mútua para o crescimento das empresas são superficiais, colocando à prova a ética do trabalho, levando as pessoas à negação do trabalho em equipe e, principalmente, à decadência das relações sociais materializada pela falta de confiança no outro, que é também um concorrente. Como criar laços fortes e duradouros se não se sabe onde irá trabalhar amanhã?

Portanto, as relações vão se tornando cada vez mais reduzidas e, com isso, vai diminuindo a necessidade de ajuda e compartilhamento entre as pessoas, gerando, assim, a

indiferença. A flexibilidade do sistema capitalista moderno gera “[...] nas relações íntimas, o medo de tornar-se dependente de outra pessoa é uma falta de confiança nela; em vez disso, prevalecem nossas defesas.” (SENNETT, 2009, p. 167).

Assim, o autor afirma que as relações humanas são substituídas pela autoconfiança: eu não preciso do outro, eu não necessito do outro, tampouco esse outro precisa de mim. (SENNETT, 2009). Ser necessário aos outros e necessitar de alguém é algo vergonhoso no mundo do curto prazo. Dessa forma, para Sennett (2009, p. 169), “[...] a vergonha da dependência tem uma consequência prática. Corrói a confiança e o compromisso mútuos, e a ausência desses laços ameaça o funcionamento de qualquer empreendimento coletivo.”

Pelo exposto, argumentamos que esse contexto histórico mais amplo das relações contemporâneas de trabalho interfere também nas formas de trabalho e vida dos professores, ainda que eles atuem em escolas públicas – e não em empresa. Isso ocorre pois a lógica gerencialista tem conformado a administração das escolas desde o final da década de 1990, com as contrarreformas educacionais mundializadas.

Desse modo, o aumento da jornada de trabalho de todas as profissões, e, principalmente, dos docentes, tem como consequência “[...] a deterioração das condições de trabalho e vida [...]”, como afirma Dal Rosso (2010, p. 2). Além disso, mais uma vez, observamos o processo de desprofissionalização do docente:

Por desprofissionalização docente, entende-se o processo de enfraquecimento do caráter específico da profissão do professor, que se expressa em: 1) diminuição da qualidade da formação inicial e contínua; 2) perda de direitos e precarização das condições laborais (diminuição de salários, flexibilidade e instabilidade, deterioração dos ambientes, etc.); 3) estandardização do trabalho (lógica avaliativa que prioriza o desempenho, descuidando das aprendizagens), provocando a submissão das práticas à rotina; e 4) exclusão do professorado dos processos de construção de políticas educativas. Esse enfraquecimento deve-se à aparição de novas regulamentações laborais na América Latina, no contexto do avanço da globalização capitalista e neoliberal, com seus consequentes impactos na diminuição do campo de autonomia e controle profissional do processo de trabalho. (MEJÍAS, 2010 *apud* JEDLICKI; YANCOVIC, 2010, p. 1).

Os quatro elementos supracitados, além de indicarem o processo de desprofissionalização docente, distanciando-o da compreensão da finalidade do seu trabalho, estão inseridos em um contexto em que as demandas do trabalho invadem, cada vez mais, o tempo que seria destinado para outras atividades vitais como o lazer, o convívio familiar e o descanso.

Por fim, acrescenta-se a isso os dados de pesquisas (COSTA; CARVALHO; CARDOSO, 2016) que apontam para o aumento dos processos de precarização e intensificação do trabalho docente, caracterizados pela perda de controle dos processos de trabalho e pela sobrecarga de atividades que os professores assumem na profissão.

## AS ESPECIFICIDADES DO TRABALHO DOCENTE

A partir dessas problematizações e reflexões a respeito das relações entre a organização do modo de produção fordista e toyotista e as repercussões para a vida dos trabalhadores, formulamos a questão: a configuração do trabalho docente, consideradas as suas especificidades, vem sofrendo alterações?

Buscando indícios para responder tal indagação, utilizamos como estratégia a análise dos resultados de 456 comunicações apresentadas no X Seminário Internacional Rede Estrado - 2014, a partir da expressão de busca primária **trabalho docente**.

De modo geral, identificamos três autores que dominam esse campo de discussões, sendo eles, Dalila Andrade Oliveira (2004), Maurice Tardif e Claude Lessard (2014). Os elementos elencados por Oliveira (2004) e mais citados nas comunicações analisadas, referem-se ao trabalho docente em uma concepção ampliada, para além das atividades da sala de aula, dimensionado em seu objetivo de atividades que visam o processo educativo.

Com maiores referências a Tardif e Lessard (2014), são destacados os elementos do trabalho docente referentes ao seu caráter relacionado à prática, edificado com base nas experiências dos sujeitos, por meio de interações – que preferimos chamar de relações humanas, com alta carga de trabalho intelectual, de difícil mensuração e que exige conhecimento profissional específico para sua execução. Tais elementos, segundo os autores, são definidores da complexidade deste trabalho, o que traz aos seus trabalhadores uma série de tensões e dilemas no exercício da profissão.

As comunicações analisadas convergem ao afirmar que o trabalho docente não é de realização exclusiva em sala de aula, uma vez que abrange atividades que contribuem para a realização do processo educativo. Nesse contexto, a docência passa a ser um trabalho no qual o educador desempenha um conjunto de atividades que ultrapassam a função de regente de aulas, englobando diversas tarefas, cargos, encargos e funções (não necessariamente remunerados) que o professor realiza.

Nesse sentido, o trabalho docente é uma produção pelo e para o humano, contribuindo, assim, para a transformação da vida social. A prática docente é, portanto, uma atividade intencional que transforma e é produzida na relação. (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2014). Como apontam Tardif e Lessard (2014, p. 31), “[...] ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos. Essa impregnação do trabalho pelo ‘objeto humano’ merece ser problematizada por estar no centro do trabalho docente.” E acrescentam: “[...] a escola e o ensino têm sido historicamente invadidos e continuam ainda a sê-lo, por modelos de gestão e de execução do trabalho oriundos diretamente do contexto industrial e de outras organizações econômicas hegemônicas.” (TARDIF; LESSARD, 2014, p. 25).

Podemos dizer que as especificidades desse tipo de trabalho fundamentam a crítica à onda gerencialista presente nas políticas públicas educacionais contrarreformadoras, que têm

por objetivo enquadrar os princípios que regem a economia e as empresas à educação e às escolas, baseados na teoria do capital humano<sup>2</sup>, que, contrariamente à concepção do trabalho docente enquanto atividade criativa humana, possui princípios “desumanizadores”, baseados na competição e no individualismo como valor moral radical. Portanto, diferentemente da lógica das empresas, o dia a dia da profissão docente é constituído por relações humanas e produções subjetivas, estas que se concretizam pelo par dialético aluno-professor, na relação com o conhecimento.

É importante destacar que tal dimensão (a das relações humanas) foi pouco abordada nas comunicações analisadas. Porém, acreditamos que ela seja fundamental para que o trabalho docente possa ser problematizado e compreendido a partir da realidade concreta, uma vez que “[...] a docência é um trabalho cujo objeto não é constituído de matéria inerte ou símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativa e dotadas de certa capacidade de resistir ou de participar da ação dos professores.” (TARDIF; LESSARD, 2014, p. 35).

Assim, cabe perguntar: em relação à prática do gerencialismo nas escolas, seria possível, diante de tal complexidade, controlar relações humanas latentes no interior da sala de aula? E como ficariam os impactos que as condições de vida, em um país tão desigual quanto o Brasil, trazem para o processo educativo? De outra forma, aqueles que acreditam que tal controle é possível conhecem a complexidade, natureza e condições objetivas do trabalho docente?

O trabalho docente, para além de uma “linearidade” supostamente medida pelo número de aulas dos professores, é constituído por um outro elemento, pouco visível e muitas vezes desconsiderado, o chamado trabalho intelectual, que, por sua vez, é difícil de ser mensurado. (TARDIF; LESSARD, 2014). Isso ocorre porque o tempo do trabalho intelectual é, de certa forma, pouco visível. Isso ocorre porque, na maioria das vezes, é realizado pelos professores em suas próprias casas ou em ambientes privados, fugindo assim do campo de regulação dos gerentes do sistema escolar. Cabe enfatizar, concordando com Souza (2014), que a sociedade, de forma geral, não reconhece que o trabalho docente ultrapassa as salas de aulas.

Outro ponto fundamental é que a concretização do trabalho docente requer o conhecimento de um saber específico. Ou seja, cabe ao professor se apropriar desse tipo de conhecimento a respeito da área que leciona, ao longo de seu processo de profissionalização. O fato é que, também nesse caso, houve pouca referência no recorte das comunicações analisadas. Isso nos permite inferir que a dimensão técnica do trabalho docente, representada aqui pelo conhecimento específico e pedagógico, tem sido pouco explorada no campo de pesquisa, ou até mesmo relegada à predominância da supervalorização dos saberes adquiridos na experiência, em detrimento ao conhecimento teórico. Ressaltamos também que as contrarreformas têm produzido justamente este movimento: o de esvaziamento teórico nos cursos de formação via políticas e diretrizes educacionais que supervalorizam o saber adquirido na prática profissional.

Por fim, os anais do evento analisado abarcaram uma riqueza de problematizações trazidas por diversas pesquisas no Brasil e na América Latina. Os resultados indicaram também que a contrarreforma educacional representa uma política internacional de educação cujos desdobramentos vêm se mostrando cada vez mais nítidos em vários países, sendo eles: a tensão entre processos de profissionalização e de intensificação do trabalho e a identificação maciça de resultados de pesquisas no Brasil que apontam para a precarização do trabalho do professor.

## **AS ROTINAS DE TRABALHO DE PROFESSORAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: INTENSIFICAÇÃO E SUBTRAÇÃO DO TEMPO LIVRE**

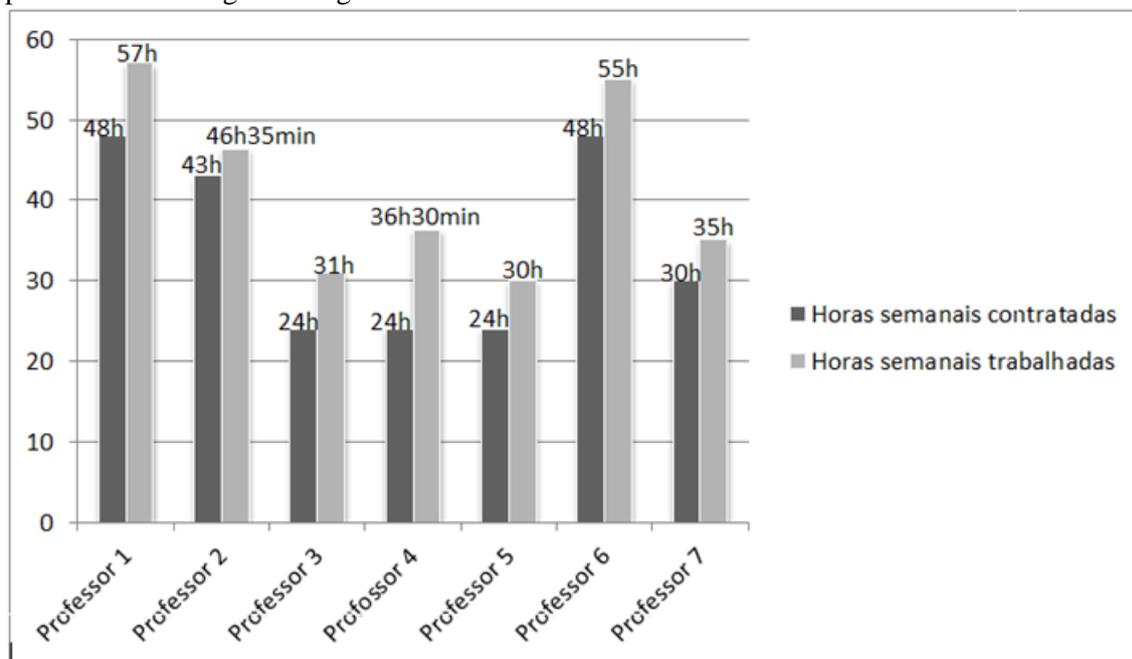
Discutidas algumas das transformações que envolvem as relações de trabalho, de modo geral, e o trabalho do professor, de modo específico, perguntamos: as rotinas dos trabalhadores docentes expressam o fenômeno da intensificação e da flexibilização das relações de trabalho?

Conforme as especificidades do trabalho docente, além de lecionar, as professoras, todas com vínculo efetivo nas escolas afirmaram que destinam às atividades extraclasse boa parte do seu tempo. São elas: o planejamento de aulas; a correção de atividades avaliativas e produções de textos; a preparação e impressão de atividades; a organização e preenchimento de diários; as reuniões administrativas e pedagógicas; o deslocamento para a escola na zona rural; as leituras diversas; a seleção, montagem e organização de materiais para xerox; o tempo de atendimento a alunos e responsáveis além das reuniões, inclusive por redes sociais.

Nesse sentido, assim como Tardif e Lessard (2014), podemos afirmar que o trabalho do professor é muito mais complexo e abrangente do que parece. Ele traz consigo várias determinações, como o tempo gasto fora da sala de aula na preparação das atividades, a capacidade intelectual para aperfeiçoar e planejar as aulas, a qual não somos capazes de medir. Além disso, o docente precisa lidar diariamente com problemas de indisciplina, tratados como de sua exclusiva responsabilidade, sendo silenciadas as questões sociais e econômicas que os influenciam. Logo, exige-se do professor uma grande carga de trabalho cognitivo, que vai muito além de simplesmente estar dentro da sala de aula. É um trabalho que depende não só do planejamento, das técnicas de ensino e de avaliação, mas também das relações humanas. Enfim, por onde vai o professor carrega o trabalho consigo.

Os dados do gráfico 1 dizem respeito à carga horária de trabalho informada por sete professoras de Língua Portuguesa da rede municipal e estadual de um determinado município mineiro. Ao responderem, as professoras consideraram todos os dias da semana e os períodos da manhã, tarde, noite e madrugada.

Gráfico 1 – Distribuição das horas semanais contratadas e horas semanais de trabalho real das professoras de Língua Portuguesa.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

No gráfico 1, ficou demonstrado que as professoras entrevistadas têm trabalhado, em média, 7 horas por semana além do contrato de trabalho. Isso significa 28 horas de trabalho extra, por mês, chegando, em termos anuais, a 280 horas. Assim, outro aspecto importante identificado na pesquisa foi a confirmação de que as professoras trabalham um número de horas semanais superior ao que é contratado.

Essas horas são utilizadas fora da sala de aula, principalmente para estudo, planejamento das aulas, correção de atividades e preenchimento de relatórios. No geral, são invisíveis para a comunidade escolar e a sociedade em geral. Tal fato corrobora a tese de que há a intensificação do trabalho docente, em concordância com Tardif e Lessard (2014) e com pesquisas realizadas pelos autores.

Diante de tal constatação, não podemos deixar de destacar que o processo de intensificação do trabalho ocorre em diferentes períodos do dia. Os dados obtidos revelaram que as professoras não trabalham somente no turno em que estão na escola, mas também em outros horários, inclusive durante a madrugada. Ou seja, parte do tempo que elas gastam para desenvolver todas as ações necessárias para o exercício de sua função é subtraído, às vezes, de forma ilegível, de outras atividades rotineiras como lazer, descanso, afazeres domésticos e cuidados com a família. Soma-se aqui o fato de serem do sexo feminino e as implicações de gênero relacionadas à divisão social do trabalho. Assim, podemos dizer que a rotina dessas professoras está atrelada à lógica do trabalho flexível, conforme apontado por Sennett (2009).

Por fim, o fato da carga horária trabalhada ser maior que a carga horária dos contratos de trabalho, e, de ocorrer, por exemplo, em fins de semana e madrugada, demonstra que o modo como o trabalho produtivo contemporâneo está organizado atinge também a carreira docente. Cabe salientar que, todas as professoras entrevistadas reclamaram não terem tempo para dar conta de tantas tarefas, além dos baixos salários. A cobrança pela multifuncionalidade típica do toyotismo alcança também essas profissionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As características do trabalho flexível discutidas por Sennett (2009) estão presentes nas rotinas de trabalho das professoras investigadas, ou seja, elas não são exclusivas do trabalho realizado em empresas, uma vez que as escolas estão cada vez mais impelidas pelas políticas contrarrefomadoras a implementarem a lógica do gerencialismo. Assim, a subtração do tempo de não-trabalho e de compartilhamento das experiências dos indivíduos afetam as relações humanas em geral.

A partir do exposto e com o objetivo de problematizar mais aspectos referentes ao campo investigado, selecionamos, para finalizar esse artigo, três questões com as quais os governos verdadeiramente interessados em promover uma educação pública para todos e todas deveriam se ocupar em necessárias **reformas** educacionais: o tempo de trabalho do professor não deveria ser destinado, prioritariamente, aos processos de planejamento, ensino e avaliação, que constituem a sua função central? Se os contratos de 24 horas semanais não condizem com a carga horária de trabalho real, por que não investir em carreiras de dedicação exclusiva? A pressão pela constante especialização e pelo desenvolvimento de multitarefas está colaborando para a artificialização das relações pedagógicas e para a indução de práticas de treinamento dos alunos? Enfim, esta é uma das múltiplas determinações desse fenômeno social, histórico e intencional chamado educação.

## REFERÊNCIAS

BEHRING, E. R. **Brasil em contra-reforma**: desestruturação do Estado e perda de direitos. São Paulo: Cortez, 2008.

COSTA, D. A. M.; CARVALHO, G. F. S.; CARDOSO, P. R. O trabalho docente no contexto da reforma educacional brasileira: uma análise a partir do X Seminário da Rede Estrado (2014). **Relatório de Pesquisa**, SJDR, IF Sudeste MG, 2016.

DAL ROSSO, S. Jornada de trabalho. *In*: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F (org.). **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. CD-ROM.

JEDLICKI, L. R.; YANCOVIC, M. P. Desprofissionalização docente. *In*: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. (org.). **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. CD-ROM.

NASCIMENTO, C. M. V.; OLIVEIRA I. M. Os efeitos da política de ação afirmativa (sistema de cotas) sobre o trabalho docente na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL REDE ESTRADO, 10., 2014, Salvador. **Anais** [...]. Salvador, 2014. CD-ROM.

OLIVEIRA, D. A. A Reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, set./dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22614>. Acesso em: 10 fev. 2020.

OLIVEIRA, D. A. Regulação das políticas educacionais na América Latina e suas consequências para os trabalhadores docentes. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 92, p. 753-775, out. 2005. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302005000300003](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000300003). Acesso em: 10 fev. 2020.

SENNETT, R. **A Corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SOUZA, A. N. Organização e condições do trabalho: flexibilização e precariedade do trabalho docente no ensino técnico em nível médio. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL REDE ESTRADO, 10., 2014, Salvador. **Anais** [...]. Salvador, 2014. CD-ROM.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O Trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

#### AUTORIA:

\* Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora do Núcleo de Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – *Campus* São João Del-Rei (IF SUDESTE MG). Contato: [gisele.carvalho@ifsudestemg.edu.br](mailto:gisele.carvalho@ifsudestemg.edu.br).

\*\* Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Contato: [dany Melo\\_mg@hotmail.com](mailto:dany Melo_mg@hotmail.com)

\*\*\* Graduação em Letras - Português e Espanhol pelo Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IF SUDESTE MG). Mestrado em andamento em Discurso e Representação Social na Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Contato: [monicagn dias@yahoo.com.br](mailto:monicagn dias@yahoo.com.br).

#### COMO CITAR ABNT:

CARVALHO, G. F. da S.; COSTA, D. A. de M.; MAGALHÃES, M. T. D. A intensificação do trabalho docente no contexto da contrarreforma educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 21, p. 1-14, abr. 2021. DOI: 10.20396/rho.v21i00.8657773. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8657773>. Acesso em: 3 maio 2021.

## Notas

---

<sup>1</sup> Os procedimentos éticos foram respeitados no curso da pesquisa.

<sup>2</sup> Ver: SMITH, A. A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas. 3. ed. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 250 p. v. I e II.